

O PAPEL DO DISCURSO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

*Célia Regina Crestani*¹

RESUMO

Não há discurso sem língua. Portanto, o papel do discurso nas correntes lingüísticas é o objeto deste texto. O estruturalismo de Saussure, a teoria da gramática gerativa de Chomsky, a sociolingüística de Labov e a interação verbal do Círculo de Bakhtin são orientações presentes nos estudos contemporâneos da linguagem. Cada uma delas tem uma forma particular de entender a linguagem, e essa forma particular nos permite apreender a visão de mundo que cada uma delas encerra. Separando língua de fala, Saussure estabelece os princípios da linguagem como ciência, mas deixa de fora o sujeito falante. Chomsky polemiza o estruturalismo de Saussure e aposta no inatismo da linguagem, inaugurando estudos de orientação biologizante. Labov elege a sociolingüística e traz a problemática da variação para a arena das discussões, mas preserva o padrão lingüístico das outras correntes. O Círculo de Bakhtin, por sua vez, acredita que não falamos por palavras nem por sentenças, mas produzimos discursos na interação social. O sujeito falante é o objeto dos estudos da linguagem de orientação sociológica, inaugurada pelos pensadores russos do Círculo de Bakhtin.

Palavras-chave: língua,, linguagem, discurso, variação lingüística, interação verbal, dialogismo.

ABSTRACT

There is not a discourse without a language. Thus, the speech paper in the linguistics meaning is the object of this text. The structuralism of Saussure, the theory of the grammar of Chomsky, the sociolinguistics of Labov and the verbal interaction of Bakhtin's circle are orientations that are present in the contemporary studies of the language. Each one of them has a particular form of understanding the language, and this

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Mestre em Educação Tecnológica/ CEFET/PR.

particular form allows us to apprehend the vision of the world that each one of them locks up. Separating language from speaking, Saussure establishes the principles of the language as a science, but discards talkative citizen. Chomsky makes controversies with Saussure's structuralism and bets in the inactivity of the language, inaugurating studies of biological orientation. Labov bets in the sociolinguistics and brings the problematics of the variation of enclosure for the arena of the quarrels, he preserves in them the linguistic standard of the chains. Bakhtin's circle, in turn, believes that we do not speak through words but sentences, producing speeches in the social interaction. Talkative citizens is the object of sociological orientation, inaugurated by the Russian thinkers of the Bakhtin's circle.

Keywords: language, discourse, linguistic variation, verbal interaction, dialogism.

Conceituar discurso depende, antes, da concepção teórica de linguagem que adotamos. Por isso, primeiramente é importante apontar para a polissemia do termo, que permite a sua utilização no interior das mais variadas concepções teóricas que trabalham com a linguagem. Sobre isso, POSSENTI disse: "O termo discurso continua vago. Aliás, cada vez mais vago. Está se transformando numa espécie de lixeira para onde se recolhem os restos da lingüística, sejam os restos que sobram de uma gramática, sejam os restos que sobram das sentenças..." (1988, p. 1)

A vagueza do termo discurso, comentada por POSSENTI, decorre do fato de haver diferentes concepções do estudo teórico da linguagem, que tentam ir além da lingüística formal para focar as práticas do dizer. Essas diferentes concepções teóricas permitem que se analise o discurso de diferentes maneiras, pois o modo como o concebemos cria diferentes modos de abordá-lo. Constatação que nos permite afirmar que não há uma análise do discurso, mas várias, cada uma delas com um quadro de referências explícito ou implícito, isto é, o objeto de análise é construído a partir de um conjunto de referências, das quais temos domínio crítico ou não.

Assim, a possibilidade polissêmica do termo discurso permite designar diferentes objetos teóricos para ele. Por sua vez, a lingüística, enquanto estudo das formas, exclui o discurso como objeto de estudo, como constata INDURSKI: "A partir do momento em que a lingüística determinou que seu objeto de estudo encontra seu limite na frase, o discurso, por sua própria natureza, ficou dela excluído" (1997, p. 17).

Ultrapassar os limites da lingüística não significa, porém, prescindir dela, ou colocá-la em oposição a discurso. BAKHTIN, no texto **O discurso em**

Dostoiévski, disse: “As pesquisas metalingüísticas², evidentemente, não podem ignorar a lingüística e devem aplicar seus resultados. A lingüística e a metalingüística estudam um mesmo fenômeno concreto, mas o estudam sob diferentes aspectos e de diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se.” Isto é, a lingüística, em vez de excluir o discurso, deve ajudar a explicá-lo (1981, p. 157).

Não iremos analisar as teorias que se propuseram, até aqui, a trabalhar com discurso; apenas, de forma geral, traçaremos o quadro das principais correntes lingüísticas em que se inscreveram os estudos sobre este objeto. Destas muitas formas de se estudar a linguagem, abordaremos, portanto, como este objeto de estudo foi capturado pelas diversas teorias.

Ao concentrarmos nossa atenção sobre a língua enquanto sistema de signos ou como sistema de regras formais, temos a Lingüística; como normas de bem dizer, temos a gramática normativa. A própria palavra gramática como a palavra língua podem significar coisas muito diferentes, por isso as gramáticas e a maneira de estudarmos a língua são diferentes em diferentes épocas, em distintas tendências e em autores diversos. Por isso, seria prudente recordar o que diz FOUCAULT em **A arqueologia do saber**, ao apontar para a necessidade de suspendermos certas noções ou unidades que nos parecem familiares. Segundo ele, noções já estabelecidas, recortes realizados ou grupamentos já familiares como *a gramática*, *a medicina*, *a economia*, etc., precisam ser arancados de sua quase evidência. Portanto, não podem ser transpostos mecanicamente a certas épocas ou espaços onde eles não poderiam ser reconhecidos (1987, p. 24). Essa é uma questão importante para que as atitudes que tenhamos frente ao nosso objeto de estudo sejam relativizadas, mas que suscita muitas outras questões que deixaremos em suspenso. A nós interessa, por enquanto, apresentar o quadro geral dos estudos da linguagem, no intuito de nos acercarmos do objeto discurso.

Na primeira metade do século XX, Ferdinand de SAUSSURE revela uma idéia muito cara ao pensamento lingüístico dessa época: a necessidade de a Lingüística firmar-se como uma ciência autônoma no quadro geral das Ciências Sociais, sob pena de confundir-se com outras ciências. É quando Saussure expõe o axioma fundamental do estruturalismo lingüístico: “a concepção de língua como um sistema que só pode e deve ser estudado a partir de suas relações internas” (1998, p. 52).

Ao estabelecer a língua como objeto da Lingüística, Saussure separa-a da linguagem, considerando a língua uma parte essencial e bem determinada da linguagem. Desse modo, os estudos acabaram limitando-se, em grande par-

² Nome usado por Bakhtin para uma disciplina geral que, ultrapassando o objeto da lingüística (a língua enquanto sistema abstrato e a análise tendo a frase como limite) teria no discurso o seu objeto, permitindo a descrição e a análise.

te, à análise de unidades fonológicas e morfológicas, tendo como unidade a palavra. Para ele, a linguagem, enquanto conjunto das manifestações do fenômeno lingüístico, “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade”(2000, p. 51). Assim, Saussure define a unicidade e a homogeneidade como características intrínsecas à língua. Esta separação entre língua e linguagem e o caráter homogêneo daquela são efetivados através da principal dicotomia do modelo teórico saussureano (da qual todas as demais dicotomias dependem ou estão a ela relacionadas), a que opõe língua (fr. *langue*) - o sistema lingüístico objetivado - à fala (fr. *parole*) - a atividade lingüística concreta. Ao separar língua de fala, SAUSSURE situa o caráter social e essencial da linguagem na língua, reservando à fala o lado individual e secundário.

A fala é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor, enquanto a língua não está completa em nenhum e só na massa ela existe de modo completo (Curso: 21). Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la (Curso: 22)

A língua não constitui uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente (...) A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações (Curso:22)

Foi tentando responder à questão de qual seria o objeto da Lingüística nos moldes científicos que Saussure estabeleceu os limites da língua no nível dos signos, porque só a relação significante-significado seria geral numa comunidade lingüística, só ela seria igual em todos os falantes, por força de sua convencionalidade. A sua hipótese baseava-se na crença de que só esta delimitação lhe possibilitaria uma concepção semiológica da língua, isto é, em que cada signo valesse pela sua oposição aos outros. Todos os outros elementos relacionados com a linguagem são remetidos para a fala, que Saussure não considera como objeto da Lingüística, porque entende que falta à fala unicidade interna e leis independentes e autônomas. Por isso, somente a língua pode ser tomada como norma das manifestações lingüísticas. A preocupação com a demarcação do objeto de forma tão asséptica tem a ver com a pretensão do estruturalismo de fundar um método objetivo e científico da realidade social, o que acabou por formalizar a linguagem, limitando-a ao estudo da língua no seu funcionamento interno, separando-a do homem no seu contexto histórico social.

Ao retirar a língua, enquanto objeto de estudo construído, das suas relações com a sociedade, o Estruturalismo exclui a mudança no processo dessa construção, eliminando, conseqüentemente, todos os condicionamentos sociais e ideológicos na formalização analítica da língua. O

estabelecimento da noção de estado da língua, como um espaço de tempo mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima - ou projeção sincrônica - constitui uma operação crucial na construção de uma língua como sistema homogêneo e unitário, porque toda a dinamicidade inerente à relação entre língua e sociedade se efetiva através do tempo, na dimensão sócio-histórica do fenômeno lingüístico, através do binômio variação e mudança. A variação constitui a atualização a cada momento dos processos de mudança possíveis na língua, enquanto que a mudança constitui uma das resultantes dos processos de variação lingüística. Segundo Dante Luchesi, uma representação adequada da língua deve abarcar esses dois planos: deve expressar a relação presente entre língua e sociedade, e perspectivar-la historicamente. O conceito de estado da língua, ao contrário, retira a língua do fluxo do tempo, retira a língua da sua dimensão histórica. Para Saussure, entretanto, o estado da língua constitui-se numa realidade própria e autônoma, sendo que a história de uma língua é vista como uma sucessão de estados discretos e independentes entre si do ponto de vista da análise lingüística. Entre um estado e outro, ocorrem as mudanças, que por um lado não afetam o estado anterior e, por outro, nada dizem a respeito da lógica que governa o estado subsequente. Ou seja, a autonomia interna do sistema lingüístico implica a sua independência perante a história.

Segundo essa teoria, a língua é, portanto, um princípio de classificação. Em um estado de língua, tudo repousa sobre relações - relações de oposição, de diferenciação, de associação entre os signos ou unidades lingüísticas, formando o conjunto dessas relações um sistema de símbolos ou signos, um sistema que só conhece sua ordem própria, um sistema cujas partes devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica. Porém, descrever a língua em estado de equilíbrio, considerando determinada temporalidade, pode ser entendido como uma abstração total, se levarmos em conta os estudos do Círculo de Bakhtin, que se ocupam em demonstrar a impossibilidade de tal equilíbrio.

Desse modo, quando Saussure admite a língua como um produto social, (enquanto a fala é definida como um componente individual da linguagem, como um ato de vontade e de inteligência, com a qual ele não vai se ocupar) devemos entender 'produto social' no sentido de que o indivíduo a registra passivamente; essa parte social da linguagem é 'exterior ao indivíduo', que não pode nem criá-la nem modificá-la. É um contrato coletivo, ao qual todos os membros da comunidade devem submeter-se em bloco, se quiserem comunicar-se. Assim, a língua é parte da linguagem que existe na consciência de todos os membros da comunidade lingüística, a soma das marcas depositadas pela prática social de inúmeros atos de fala concretos. Por esta posição, podemos entender por que Freda Indursky afirma que o discurso, pela sua própria natureza, estaria excluído dos estudos da linguagem.

A gramática gerativa de Noam CHOMSKY (a partir da década de 50) é outra matriz do pensamento lingüístico tomado como referência para os estudos da linguagem. Chomsky aparentemente amplia o objeto da ciência lingüística, na medida em se preocupa com princípios e regras formais que presidem a construção de expressões até o limite das sentenças complexas. Nesse sentido, diferencia as relações sintagmáticas de oposição e contraste, presentes nos estudos do estruturalismo, mas ainda com a preocupação de explicar a relação som-sentido. Chomsky propõe um tratamento da sintaxe como a mobilização pelo falante de um número finito de condições universais e parâmetros das formas de representação possíveis nas línguas humanas.

Portanto, ao valer-se de um objeto de natureza diferente, cumpre com a exigência básica da sistematicidade do tratamento dos dados, mostrando que o nível da sentença não pertence ao heteróclito e multiforme, não é dependente da inteligência e da criatividade do falante individual, mas está no limite do geral, do que é comum a todos os falantes, que conhecem estas regras assim como conhecem a relação significante-significado. O conceito de língua assume o sentido técnico de “conjunto de seqüência de expressão que um falante ideal aceitaria como bem formada” (LYONS, 1987, p. 212) e a tarefa da lingüística passa a ser a busca de um conjunto de regras capazes de delimitar matematicamente esse conjunto para uma determinada língua natural.

Chomsky elege como objeto de estudo o conhecimento da língua. Para ele e seus seguidores, a dimensão estrutural e estruturante do fenômeno lingüístico situa-se crucialmente fora do que pode ser referido por qualquer interpretação da definição saussureana de língua como fato social. Isso significa que ela não deve ser prioritariamente buscada nem na língua como objeto histórico e cultural, nem como um sistema que se depreende indutivamente a partir das constâncias observadas em uma quantidade representativa de atos de fala concretos e nem mesmo como saber objetivado e transmitido no convívio social. Segundo o Gerativismo, a dimensão estrutural e estruturante do fenômeno lingüístico situa-se fora de sua dimensão sócio-cultural; situa-se em sua dimensão individual psíquico-biológica. Ela se situa na faculdade humana da linguagem, uma faculdade inata, transmitida geneticamente e comum a todos os seres da espécie humana. Desse modo, a tarefa da Lingüística seria formalizar os processos mentais que constituiriam a faculdade da linguagem, o que se denominou gramática universal, ou a feição assumida por esses processos e estruturas, no processo de aquisição de uma língua específica, o que se denominou de gramática particular de uma língua.

No início de seus estudos, Chomsky desenvolveu dois conceitos: a competência lingüística e o desempenho. A competência lingüística de um falante seria aquela porção do seu conhecimento do sistema lingüístico como tal, por intermédio do qual ele seria capaz de produzir um conjunto infinito de sentenças que constituiria a sua língua. O desempenho seria o

comportamento lingüístico, determinado por uma série de fatores não-lingüísticos que incluiria, por um lado, convenções sociais, crenças, atitudes emocionais do interlocutor, etc. e por outro, o funcionamento dos mecanismos psicológicos e fisiológicos envolvidos na produção das sentenças.

A gramática de um falante refere-se, por esta concepção, ao seu conhecimento internalizado, um saber implícito, que o gerativismo elegeu como objeto de estudo, a chamada língua interna, em oposição à língua externa, objeto de estudo por excelência do que os membros desse grupo chamaram de lingüística de *corpus*. Assim, a intuição do falante nativo é que seria a base empírica sobre a qual a pesquisa lingüística iria se realizar. A língua externa, por sua vez, por ser vaga, imprecisa, não mereceria maior atenção. Para Chomsky, o que faria um ser humano seria a língua inata.

O conceito de conhecimento ou saber implícito refere-se ao fato de o falante, em sua atividade lingüística, acionar estruturas das quais ele não possui um conhecimento formalizado. Trata-se, portanto, de um saber intuitivo, que permitiria, por exemplo, ao falante de uma língua distinguir uma frase aceitável, dentro dessa língua, de outra inaceitável, sem que ele possa explicar os parâmetros formais que fundamentaram esse juízo de gramaticalidade. Conforme CHOMSKY: “Em geral, os juízos dos informantes não refletem diretamente a estrutura da língua: os juízos de aceitabilidade, por exemplo, podem falhar no que se refere a fornecer evidência direta quanto ao estatuto de gramaticalidade, devido à intromissão de muitos outros fatores” (1994, p. 54). E quais seriam, então, estes outros fatores?

A variabilidade presente nos juízos de gramaticalidade se deve, segundo Dante Luchesi, a uma única razão: tais juízos não refletem apenas as estruturas mentais e processos cerebrais que constituem a faculdade da linguagem amadurecidos na forma da gramática particular de uma língua; eles refletem também e inexoravelmente os padrões lingüísticos determinados pelo processo histórico e social de constituição da língua que cada indivíduo fala, ou seja, da língua enquanto objeto cultural.

Assim, pensar a língua como algo a ser desenvolvido pelo indivíduo fora do convívio social, exclusivamente através das faculdades inatas que lhes são atribuídas, constitui-se em outro exercício de abstração total, uma hipótese que só se colocaria no reino do fantástico, da ficção. É no mínimo questionável postular a existência de qualquer manifestação do fenômeno lingüístico que reflita apenas as estruturas originais da faculdade da linguagem; ou seja, aquelas que são unicamente determinadas em termos psíquicos e biológicos, sendo totalmente imunes às interferências de ordem sócio-histórica.

Portanto, apesar de haver aparentemente ampliado o objeto da ciência lingüística da palavra para as sentenças complexas, não é objetivo de Chomsky descrever essas sentenças, mas apenas explicar seu engendramento. Para ele,

o núcleo mais geral da gramática é um sistema fechado, especificamente lingüístico, sem depender internamente de qualquer relação com outros conhecimentos, processos e operação do sujeito, ou de qualquer contribuição contextual. Sobre essas duas teorias, POSSENTI indaga:

Que dados e problemas empíricos se consegue representar nestas duas teorias necessariamente restritivas? Sem dúvida, obtém-se um conjunto de soluções bastante representativas do objeto que definem como sua tarefa explicar. O que ocorre é que assim como se sabe que não se fala por palavras, também não se fala por sentenças, embora poucas dúvidas se possa ter sobre a legitimidade de tomar-se palavras e sentenças como entidades sobre as quais um lingüista opere. Os usos efetivos da linguagem envolvem realidades de extensão maior, e qualitativamente distintas, que a das palavras e sentenças (1988, p. 8-9).

Perceber que o uso da linguagem envolve realidades de extensão maior levou outros lingüistas, entre eles LABOV, a eleger como objeto da lingüística o processamento lingüístico em função das condições sociais. Para esse teórico, a língua não é homogênea e a questão que se coloca, então, para a ciência da linguagem, é a heterogeneidade da língua. Esse é um dos pressupostos com os quais a sociolingüística trabalha, fazendo um contraponto com a lingüística da língua e da competência. A ênfase que essa orientação dá aos aspectos psicológicos, sociais, culturais, etc. tem permitido a construção de modelos que se propõem mais abrangentes que o da lingüística formal.

As contribuições da Sociolingüística Variacionista, elaborada por Labov, se contrapõe à lingüística formal no seguinte sentido: para esta, a variação é considerada livre e individual, produto do puro acaso; para aquele, “o uso das variantes lingüísticas é determinado por um padrão de normas sociais e estilísticas”.

As variações estilísticas se caracterizam pela adaptação do falante ao contexto em que as falas se realizam. Por isso, os sociolingüistas buscam evidenciar as regras sociais que determinam o uso da linguagem em diferentes situações, com o fim de captar o valor social atribuído à linguagem. A suposta homogeneidade da língua não existe no seu uso, mas ela se adapta às regras sociais que determinam a forma a ser utilizada em todos os contextos.

Labov enfatiza a capacidade do falante em lidar com a heterogeneidade do sistema; no modelo da Sociolingüística, o que se oferece ao falante não é um sistema homogêneo, unitário, que se impõe de forma irredutível, mas um sistema heterogêneo sobre o qual o falante atua de acordo com as disposições estruturadas em que a prática lingüística se atualiza. Selecionar, de forma mais ou menos consciente, uma dentre as variantes concorrentes na estrutura lingüística, é a opção que se apresenta ao falante, ação que pode variar conforme a situação a que esteja exposto. Há espaço, nessa teoria, para as funções da linguagem, que, por sua vez, depende dos contextos em que é usada.

Uma das contribuições mais importantes da sociolingüística foi ter de-

monstrado, com base na heterogeneidade da língua, que a variedade lingüística falada pelas populações de baixa renda é tão complexa e estruturada quanto a gramática da língua considerada padrão. O falso pressuposto de que a linguagem dessas pessoas é deficiente não passa, segundo esses teóricos, de preconceito.

Além disso, a sociolingüística constitui-se num auxiliar competente para analisarmos as questões do ensino, porém, o bidualismo funcional proposto por essa teoria, e que prevê a valorização da linguagem ‘diferente’ trazida pelo aluno para depois ensinar-lhe a norma considerada padrão, mereceria ser melhor discutida, uma vez que, apesar do avanço proporcionado por essa orientação nas pesquisas lingüísticas, a sua referência ainda é a da língua-padrão abstrata, no sentido da norma prescrita gramaticalmente, e não de um dialeto comumente utilizado.

Essa alternativa que a sociolingüística propõe para o ensino da língua materna não questiona a forma lingüística socialmente legitimada, como se ela fosse apenas um revestimento externo de um conteúdo social que pode ser vestido ou despido conforme a ocasião. Podemos arriscar dizer, assim, que discurso para essa teoria seria aquele que não se desvia da norma padrão, uma vez que a preocupação é adequar os dizeres dos sujeitos aos contextos em que se encontram, ensinando-os reconhecer quando estão diante de um discurso inadequado. A avaliação do que seriam discursos adequados ou não adequados é feita pela comunidade, com base nos elementos formais da língua. Temos exemplos diários dessa questão, quando corrigimos ou somos corrigidos pelo uso de expressões ou palavras ‘desviadas’ da norma aceita como padrão, em determinados contextos. O autor do discurso, ao desviar-se da norma, provoca um efeito de sentido e é isso que deveria importar. Mas o que acaba por irromper é o que Bakhtin denominou de objetivismo abstrato, presente não só nas teorias elaboradas por Saussure e Chomsky, mas também na sociolingüística laboviana.

Os desdobramentos posteriores a essa teoria são os mais diversos possíveis, mas de maneira geral eles discutem elementos considerados à margem pela lingüística saussureana, o que amplia o campo de estudos da linguagem. A entrada em cena de elementos como os falantes, o contexto social e os aspectos históricos, ajudaram a problematizar questões como língua e fala, competência e desempenho, lingüístico e extralingüístico, gerando inúmeros trabalhos que passaram a se organizar em torno do texto e do discurso. Mas que ainda não abandonaram a orientação do objetivismo abstrato, uma vez que há sempre uma norma assente à qual se reportar.

Vimos até aqui que o tratamento dado ao discurso pode tomar várias direções. Se a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento, essa idéia acaba se concretizando. Mas mesmo quando se tenta dar uma direção diferente a das que utilizam a

língua de modo abstrato, acabamos sendo direcionados para uma análise lingüístico-formal. Quando são consideradas questões extralingüísticas, elas parecem já vir organizadas, por um falante ou ouvinte ideal, que sabe perfeitamente o que tem de considerar ao organizar um discurso ou um texto, como se a linguagem apenas refletisse, como num espelho, a sua realização enquanto atividade. Desse modo, as unidades internas ao discurso é que serão as responsáveis por sua organização. Ou a capacidade que o falante/ouvinte tem e que ele constrói a partir do discurso, entendido de modo reducionista como uma transmissão de informação.

Acreditamos que o fato de estabelecer a língua (entendida saussureanamente) como objeto da lingüística, na maioria dos estudos sobre a linguagem, possibilitou que o falante não fosse problematizado, o que direcionou esses estudos ora para as orientações do objetivismo abstrato (a língua sem falantes) ora para as orientações do subjetivismo idealista, (o falante, entendido como um ser uno, como centro) correntes ainda muito presentes nos estudos contemporâneos da linguagem. São posições extremas e que acabam por separar língua de discurso.

POSSENTI (1988, p. 12) vai levantar esse problema relacionado-o à questão da natureza das línguas: seriam elas apenas códigos, estruturas e tudo o que significam ocorre por obra de alguma combinatória de elementos lingüísticos? Ou as línguas não são códigos em nenhum sentido, e a significação que elas veiculam depende de outros fatores, que poderiam ser resumidos sob o nome de contexto ou de circunstância de ocorrência dos enunciados?

Segundo ele, qualquer dessas posições extremas deve ser abandonada, analisando qual é, em cada caso, a contribuição das regras lingüísticas e qual a contribuição dos outros fatores. Propõe, então, que se elimine a “dicotomia língua- discurso, entendendo por língua um objeto teórico e por discurso um objeto empírico”(1988, p. 57). Esse posicionamento frente ao objeto faz ampliar sobremaneira as discussões sobre a linguagem, principalmente considerando a afirmação de POSSENTI:

Depois de uma formação estruturalista, por um lado, e de leituras sobre a questão do sentido que não consideravam nenhum detalhe (ou muito poucos) da forma, redescobri-me como falante, quando, como qualquer um, estou atento às mínimas modulações, na busca de detalhes dos discursos de que participo, porque é com base neles que imagino quem é mesmo que está falando e com que atitude e finalidade o faz (1988, p.115).

Redescobrir-se como falante nos parece um dado fundamental, porque considera o papel do sujeito como importante nesse emaranhado lingüístico em que estamos mergulhados. Na página 2 da referida obra, POSSENTI refuta a idéia de conceber uma língua sem falantes, nas teorias que consideram o sujeito como simplesmente assujeitado. Diz ele: “Os sistemas são instáveis, e o são pela ação dos indivíduos. E é, portanto, pela ação, ação diferenciada,

que o sujeito será definido” (1988, p.2).

Colocado o sujeito na arena, apontamos, em linha gerais, a concepção do Círculo de Bakhtin sobre a questão da linguagem, entendida como um objeto muito mais complexo, que engloba tanto a esfera física quanto a fisiológica e psicológica. Ao buscar delimitar inicialmente as fronteiras de seu objeto, observa, porém, que a esse conjunto falta “alma”, aquilo que daria a ele uma unidade, ou seja, falta inseri-lo

na esfera única da relação social organizada (...) é preciso situar os sujeitos - emissor e receptor do som - bem como o próprio som, no meio social (...) é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata (...) Portanto, *a unicidade do meio social e a do contexto social imediato* são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-químico-fisiológico que definimos possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem (BAKHTIN/VOLOSHINOV, p. 70-71. (Grifos dos autores).

Buscando isolar e determinar a linguagem como objeto de estudo, foi necessário reduzi-la a um determinador comum. E as respostas dadas a essa questão, segundo o Círculo de Bakhtin, podem ser reunidas em duas orientações principais: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato e que têm orientado a maior parte dos estudos da linguagem. São orientações analisadas pelo Círculo, no sentido de problematizá-las, uma vez que, segundo eles, não fornecem resposta coerente sobre a natureza da linguagem. Ambas as orientações, para pensar sobre a língua, apóiam-se na enunciação monológica fechada, desligada de seu contexto lingüístico, que gera a responsividade e a multiplicidade de vozes, bem como consideram o ato de fala como individual.

A direção tomada pelos teóricos russos é outra, pois consideram o ato de fala, a enunciação, o discurso, como sendo de natureza social, determinado pela situação social imediata e mediata. Nossa consciência não existe fora da linguagem e a realidade da linguagem não está nem na enunciação monológica nem no ato individual, mas na interação. A partir dessa percepção somos considerados seres de linguagem, nosso conteúdo mental é construído na e pela linguagem. Não nos apropriamos dela como algo pronto e acabado, pairando acima de nós, mas mergulhamos na cadeia discursiva, constituída por muitas vozes organizadas socialmente. Nesse espaço social, a língua vai sendo estruturada, mas continuamente.

A nossa consciência é semiótica, materializada por signos, os quais estão repletos de valores ideológicos. Por isso, nosso olhar sobre o mundo é sempre refratado, isto é, entramos no terreno do já-dito, e não num universo natural, virginal. Assim, nosso mundo interior é formado por esses signos sociais de valores, que vêm de fora, compostos pela palavra do outro. Palavra que pode funcionar como signo interior sem expressão externa e que é entendida como palavra interiormente persuasiva. No entanto, não se trata de

processo determinista em que o mundo interior apenas reproduz o exterior: no mundo interior, os discursos que tomamos dos outros se bivocalizam e ganham novas nuances. A palavra pessoal - palavra do outro é um processo em que a linguagem atravessa o indivíduo provocando uma forma de interação entre as vozes.

Esse oceano de signos em que mergulhamos, essa cadeia discursiva permanente mas móvel, permite que nossos ditos signifiquem exatamente porque entramos nessa teia social, construída por muitas vozes. A percepção dialógica da linguagem é uma das categorias básicas do pensamento do Círculo de Bakhtin, em que o dito entra em conversa com outros já-ditos, dentro do fluxo histórico ininterrupto da comunicação humana. É nesse ponto que as teorias lingüísticas centradas no falante se equivocam, uma vez que o entendem como fonte de seu dizer. Porém, o falante já nasce num mundo repleto de signos, onde sua consciência, que é semiótica, é formada. Quando se apropria das palavras alheias, ele não as reconhece de um rol preciso e imutável de formas lingüísticas, mas se orienta pelas novas possibilidades da palavra nas enunciações concretas ou em um “contexto ideológico preciso”(BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997, p. 95). Nessa dinâmica, os falantes são apenas posições intercambiantes, que “extraem palavras de um estoque social de signos disponíveis” (1997, p. 113).

Amplia-se assim a concepção de diálogo. Não apenas aquele que se realiza face a face, mas qualquer tipo de comunicação verbal, pois nela há sempre espaço para a resposta ou o uso da palavra, mesmo que sejamos impedidos de responder em voz alta. A compreensão, para Bakhtin, já é uma espécie de diálogo. E essa responsividade dialógica é o elemento que dá dinâmica à interação, em que os sujeitos, em situações concretas, tecem réplicas que se orientam por múltiplos universos ideológicos ou universos de representação.

Assim, se fôssemos retomar a tradicional divisão língua/fala, diríamos que nem a língua é completamente estruturada, nem a fala é completamente desestruturada. Para os teóricos do Círculo, a estrutura não se separa do fluxo, da dinâmica social, mas se imbricam, se fundem. A estrutura, assim, não é entendida como um ponto de partida *a priori*, destacado desse fluxo. É o movimento, o discurso concreto que se dá via interação que organiza nosso dizer.

Porém, discutir essas questões significa sair do terreno do imóvel, do estabelecido, do único e do indivisível. Significa ‘arriscar-se’ num terreno movediço, sobre o qual nossas certezas teriam de ser implodidas, para dar lugar ao imponderável, ao movimento, ao vir a ser. Por isso, muitas vezes, procuramos nos agarrar a imagens estáveis, imutáveis, que nos dão maior ‘segurança’, como as orientações emanadas pelas concepções que vêm a linguagem como algo pronto ou como algo inato. E das quais o discurso fica de fora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 8. ed. São Paulo. Hucitec, 1997.

CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

INDURSKI, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Unicamp, 1997.

LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FRIGOTTO, Edith I. dos Santos. **Concepções de linguagem e o ensino da língua materna: do formalismo ensinado ao real ignorado**. Dissertação, PUC-Rio, 1990.

LYONS, John. **Linguagem e Lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LUCHESE, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso da lingüística neste século**. Colibri, 1998.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1998.